

**CRIANÇA E DESENHO ANIMADO:  
UM CONTEXTO PARA A ATENÇÃO CONJUNTA  
CHILD AND CARTOON: A SETTING FOR JOINT ATTENTION**

José Moacir Soares da Costa Filho<sup>89</sup>

**RESUMO**

Com o advento de desenhos animados que favorecem a interação entre o telespectador e a animação, assistir televisão torna-se uma rotina na vida da criança. Assim, neste trabalho, temos por objetivo investigar como a atenção conjunta se constitui diante de um contexto em que mãe e criança, na faixa-etária de três a quatro anos, assistem ao desenho animado *Pocoyo*, cuja configuração impulsiona a interação entre criança e animação. Para tanto, observamos dados naturalísticos de duas díades mãe-criança. As análises apontam para a constituição de três formatos de atenção conjunta envolvendo tanto a instância real (díade) quanto a instância virtual (animação).

**PALAVRAS-CHAVE:** Desenho animado. Interação. Atenção conjunta.

**ABSTRACT**

As a result of the birth of cartoons which provide interaction between watcher and animation, the act of watching television became a routine in child's life. Thus, the aim of this paper is to investigate how joint attention is constituted in a context which mother and a three year old child watch the cartoon *Pocoyo*, an interactive animation. In order to develop the study, naturalistic data of two mother-baby dyads is analyzed. The analysis shows three different formats of joint attention involving both real (dyad) and virtual (animation) elements.

**KEYWORDS:** Cartoon. Interaction. Joint attention.

**Introdução**

É fato que dentro da sociedade contemporânea o avanço tecnológico tem possibilitado a criação de produtos midiáticos cada vez mais sofisticados. À medida que novos produtos são velozmente criados, o acesso aos mais variados recursos digitais é facilitado e objetos como a televisão tornam-se presentes em nosso cotidiano, a despeito de classe social ou faixa-etária.

Gunter e McAleer (1997, p. 4) discutem sobre a relação que se estabelece entre as crianças e a televisão e defendem que “a televisão é uma peça integrante do mobiliário doméstico e praticamente toda casa tem pelo menos um aparelho<sup>90</sup>”, por isso, desde muito cedo, as crianças nascidas em lares onde a televisão integra o conjunto de objetos da casa começam a se inserir em práticas sociais nas quais a televisão está presente.

Em decorrência deste fato, as produtoras de programas infantis têm se dedicado à criação de atrações televisivas voltadas para o público infantil. Dentre essas atrações podemos destacar os desenhos animados voltados para as crianças por volta dos três anos de idade, nos

---

<sup>89</sup> Professor efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). junioor\_costa@hotmail.com

<sup>90</sup> Tradução nossa para “*the television is an integral piece of the household furniture and practically every house has at least one set*”.

quais a ludicidade, a imaginação e a interação com o telespectador se tornam elementos constantes para atrair a atenção da criança-telespectadora.

No que diz respeito à construção de desenhos animados no modelo interativo, Gunter e McAleer (1997, p. 31) apontam que a interação se estabelece de modo ativo e envolve dois fatores. O primeiro fator parte da televisão para a criança-telespectadora e diz respeito a aspectos que compõem a atração televisiva, dentre os quais podemos destacar a música de fundo, as mudanças visuais ocorridas na cena, os efeitos sonoros e a estimulação física (movimentos de personagens e mudanças de foco, por exemplo). Já o segundo fator parte da criança em direção à televisão, pois ocorre quando as crianças aprendem a controlar a própria atenção em relação ao que acontece na televisão e faz sentido para elas.

A criação de desenhos animados no formato interativo parece estar associada também ao que Garcez e Oliveira (2001) chamam de indústria da animação, ou seja, os desenhos animados constituem uma indústria, cujos consumidores são as crianças, e, à medida que essa indústria varia e ajusta o formato de seus produtos para seus consumidores, as crianças se tornam telespectadores cada vez mais frequentes.

Considerando o formato inovador das animações interativas, neste trabalho, selecionamos um episódio do desenho animado *Pocoyo*, cujo formato favorece o estabelecimento da interação entre animação e criança (telespectador), e, através de filmagens em que duas díades mãe-criança assistem ao desenho animado, analisamos contextos de atenção conjunta que se desenvolvem tendo como foco o desenho animado.

A seguir, discutiremos brevemente o conceito e o lugar da atenção conjunta como um processo presente na rotina da criança durante e após a fase de aquisição da linguagem.

## 1 Atenção conjunta

Como destaca Miguens (2006) o fenômeno da atenção conjunta desperta o interesse em diferentes áreas, dentre elas, a psicologia cognitiva e a primatologia. Na área de Linguística, a atenção conjunta é estudada comumente por teóricos interessados no processo de aquisição da linguagem, os quais tomam a interação como base para o desenvolvimento cognitivo. Isto porque a atenção conjunta é, por definição, um processo interativo no qual mãe e criança se inserem durante episódios do dia-a-dia, além de fornecer às interações infantis noções importantes para o estabelecimento da referência linguística.

Um dos primeiros pesquisadores a se dedicar ao estudo da atenção conjunta é Bruner (1975; 1983). Em seus estudos, o autor recusa teorias vigentes em outros momentos das discussões sobre aquisição, como, por exemplo, o gerativismo, e se destaca por considerar a

fase da aquisição de linguagem como um processo que engloba desde interações afetivas entre mãe e criança até o uso de comportamentos não verbais para o estabelecimento das trocas comunicativas.

Desse modo, o autor parte da noção de que desde o momento de seu nascimento, a criança insere-se em contextos comunicativos com os sujeitos que a cercam e, através dessas interações primeiras, aprende a expressar seus desejos bem como compreender os desejos de seus interlocutores. No entanto, diferentemente do que fazem os adultos, a criança, não dominando ainda a capacidade de produzir sentenças, garante seu lugar nas trocas comunicativas através de comportamentos não verbais, tais quais os gestos e a própria atenção conjunta.

Tomasello (1995; 2003), outro teórico a tecer importantes considerações sobre a atenção conjunta, considera-a como um fenômeno social peculiarmente estruturado, no qual também estão inseridos fatores culturais. Para ele, a atenção conjunta tem suas origens no desenvolvimento infantil dentro de um período que ele chama de “revolução dos nove meses”. Nesse período, conforme considerações do autor, os bebês começam a se inserir em comportamentos novos que “parecem indicar certa revolução na maneira como entendem seus mundos, sobretudo seus mundos sociais” (TOMASELLO, 2003, p. 84).

A atenção conjunta mostra-se, portanto, como um funcionamento de que o bebê lança mão para que seu lugar na interação seja garantido. A utilização da atenção conjunta não é, por outro lado, unicamente infantil, já que o adulto também utiliza a estratégia de atenção conjunta para estabelecer trocas comunicativas com a criança. A única diferença, nesse caso, é que o adulto detém a capacidade de utilizar a linguagem verbal para sustentar a cena de atenção conjunta, enquanto o infante lança mão de formas de comunicação não verbal, como, por exemplo, o gesto de apontar. (TOMASELLO, 2011, p. 35)

Por definição, os episódios ou cenas de atenção conjunta são “interações sociais nas quais a criança e o adulto prestam conjuntamente atenção a uma terceira coisa, e à atenção um do outro à terceira coisa, por um período razoável” (TOMASELLO, 2003, p. 135). Partindo desta definição, percebemos que o autor aponta para a necessidade de que criança e adulto estejam mutuamente engajados e reconheçam a atenção que cada um dedica ao objeto ou situação que serve de foco para o olhar dos dois, ou seja, não seria suficiente para que houvesse a atenção conjunta apenas o fato de que adulto e criança estivessem olhando para o mesmo foco. Sem a percepção da atividade conjunta, entendemos que o “olhar para um mesmo foco” trata-se apenas de uma situação de olhar compartilhado e não uma cena de atenção conjunta na concepção discutida.

Pelo caráter complexo da atenção conjunta, Tomasello (2003) aponta também que, através de experimentos desenvolvidos por ele e outros pesquisadores (CARPENTER; NAGELL & TOMASELLO, 1998), há sutis diferenças no formato da atenção conjunta. Essas diferenças permitem que o autor apresente uma classificação para os diferentes formatos de atenção conjunta e, ao que parece, estão relacionadas principalmente à postura que a criança assume na cena de atenção conjunta. São três os tipos de atenção conjunta apontados pelo autor.

O primeiro deles, nomeado como atenção de verificação, estabelece-se em uma atividade conjunta em que o adulto mostra o objeto – tomando este objeto como um “obstáculo social” – ao bebê. Como faixa-etária em que ocorre, o autor aponta o período de nove a doze meses da criança.

O segundo tipo de atenção conjunta, por sua vez, tem como importante constituinte o gesto de apontar, pois, em uma situação em que o adulto parece estabelecer uma referência social, o bebê se volta, através do direcionamento dado pelo olhar do adulto ou pela indicação feita com o dedo, podendo ainda haver a junção entre olhar e apontar, para o objeto no qual a díade deposita sua atenção. Esse tipo de atenção conjunta recebe o nome de atenção de acompanhamento. Segundo o autor, esse formato de atenção conjunta ocorre entre os onze e quatorze meses.

O terceiro tipo, a atenção direta, também tem em seu formato a presença do gesto de apontar, que pode ser, conforme enfatiza o autor, declarativo ou imperativo. A diferença, entretanto, é que neste tipo de atenção conjunta parece ser mais explícita a entrada do objeto foco da atenção, fato que se dá através da linguagem referencial utilizada pelo sujeito que traz o objeto à cena. A atenção direta é situada entre os treze e quinze meses (TOMASELLO, 2003, p. 89).

Por fim, os estudos discutidos no presente tópico apontam ainda para a possibilidade de conceber a atenção conjunta como um cenário propício para o início da comunicação através de símbolos lingüísticos: “a cena de atenção conjunta simplesmente fornece o contexto intersubjetivo em que se dá o processo de simbolização” (TOMASELLO, 2003, p. 137). Nesse sentido, podemos conceber a atenção conjunta não só como um constituinte da referência lingüística, mas também como um processo através do qual as crianças nomeiam sujeitos, objetos e situações.

## 2 O Pocoyo e os aspectos metodológicos

Para a realização deste trabalho, selecionamos o episódio “Pegadas Misteriosas”, do desenho animado *Pocoyo*. A animação é um dos desenhos atuais que trazem em sua estrutura uma composição inovadora com elementos que propiciam a interação do telespectador com o desenho animado. Criado por David Cantolla, Guillermo García e Luis Gallego, a animação em 3D é produzida pela *Zinkia Entertainment* e, no Brasil, é transmitida pelo canal de televisão pago *Discovery Kids*. Além de ter sua transmissão garantida pelo canal televisivo, a série também é comercializada no formato de *DVD*, distribuindo em coletâneas os episódios da série.

A animação tem como protagonista o Pocoyo, um menino com três anos de idade, faixa-etária pré-escolar, e que representa na tela a criança que o assiste, pois ele está inserido num contexto semelhante ao de seus telespectadores, vivenciando as mesmas situações de descoberta e aprendizado.

Junto ao protagonista no episódio analisado, estão: i) Pato – o melhor amigo do Pocoyo; ii) Elly – uma elefanta; e iii) Loula – a cadela do Pocoyo. O desenho conta ainda com um narrador em todos os episódios. Com uma voz masculina adulta, seu papel é intermediar as interações sociais propostas pelo desenho. Nesse sentido, as interações estabelecidas pelo narrador se apresentam sob diferentes formas:

i) narrador → personagens: o narrador interage diretamente com os personagens, através de cumprimentos e perguntas feitas aos mesmos;

ii) narrador → personagens → telespectadores: o narrador media a interação entre os personagens e os telespectadores através de questionamentos feitos a estes com o intuito que eles respondam o que foi perguntado aos personagens, que, por sua vez, não souberam responder;

iii) narrador → telespectador: acontece quando o narrador discute os fatos ocorridos no desenho e também quando ele parabeniza os telespectadores que responderam corretamente aos questionamentos lançados.



Figura 1: Pocoyo



Figura 2: Pato Figura



3: Elly Figura



4: Loula

Após a seleção e análise do episódio do desenho, que foi escolhido por apresentar o maior número de situações interativas entre animação e telespectadores, foram gravadas sessões em que duas díades mãe-criança assistiam ao desenho animado, sendo quatro sessões para cada díade.

A criança da díade A era uma menina, com idade de três anos, oito meses e cinco dias (3;8;5) na primeira sessão, e nunca tinha assistido ao *Pocoyo*. Já a díade B tinha como integrante um menino, com idade de três anos, nove meses e dezoito dias (3;9;18) na primeira sessão e já era telespectadora do *Pocoyo* há pelo menos um ano.

Cada sessão teve duração aproximada de oito minutos, um pouco mais que a duração do episódio Pegadas Misteriosas, que tem sete minutos. Todas as sessões foram gravadas na casa da díade, em ambiente o mais naturalístico possível.

A seguir, apresentaremos dados ilustrativos dos formatos de atenção conjunta observados através da influência do desenho animado na interação da díade.

### 3 Configurações da atenção conjunta com o desenho animado

Observamos na análise dos dados três diferentes formatos de atenção conjunta, considerando a interação da criança e da mãe com a animação, o que acontece através das respostas da criança aos questionamentos do narrador.

#### 3.1 Diádico real – real

O primeiro formato observado nos dados mostra a atenção conjunta em seu formato tradicional, em que mãe e criança assistem ao desenho animado e interagem entre si. Neste contexto, o objeto foco da atenção conjunta é o desenho animado.

#### Fragmento 1

*Díade A – Sessão 1 – Idade da criança: 3;8;29*

*No desenho animado (1 minuto e 2 segundos) o narrador pergunta ao Pocoyo quem deixou as pegadas misteriosas, que neste momento são as pegadas do Pocoyo. Mãe e criança, por sua vez, assistem ao desenho atentamente, a mãe está sentada na cadeira, ao lado do sofá, onde está a criança.*

- 1 Narrador: Hum:! Quem será que deixou essas pegadas?
- 2 Mãe: (aponta com o dedo indicador para a televisão) De quem é essas pegadas? (olha para a criança)
- 3 Criança: (olha para a televisão) Pocoyo! (olha para a mãe)

Como podemos perceber, o fragmento destacado tem início com a indagação do narrador que, neste caso, não é dirigida ao telespectador, mas sim ao Pocoyo. Muito embora a criança telespectadora esteja atenta ao desenho animado, ela não assume o lugar do Pocoyo para responder ao questionamento lançado pelo narrador.

Entretanto, a partir do turno 2, percebemos que a mãe parece convidar a criança para estabelecer a atenção conjunta acerca do desenho animado com o questionamento “*De quem é essas pegadas?*” (turno 2). Além de utilizar a linguagem verbal com o item referencial “*essas*”, a mãe faz uso do gesto de apontar como um elemento declarativo que situa o objeto que ela traz à cena como foco da atenção conjunta. Desse modo, a atenção conjunta que se estabelece no turno 3, quando a criança responde ao questionamento da mãe, pode ser caracterizada como uma atenção direta (TOMASELLO, 2003), pois envolve não só a linguagem referencial como também o gesto declarativo.

Outro ponto que podemos observar é que, mesmo o narrador (no turno 1) participando do contexto com uma pergunta que poderia direcionar a criança para o estabelecimento de: i) uma cena de atenção conjunta diádica real-virtual envolvendo a criança e o narrador; ou ii) de uma cena de atenção conjunta triádica, envolvendo não só criança e narrador, mas também a mãe; percebemos que o formato da cena de atenção conjunta estabelecido no fragmento 1 é diádico real, ou seja, envolve apenas mãe e criança e coloca o desenho animado como o objeto foco da atenção conjunta.

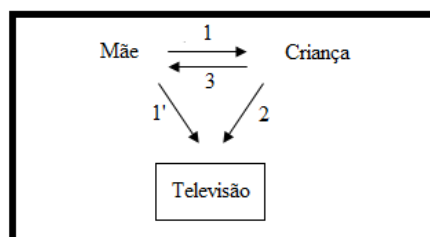


Figura 5: Atenção conjunta fragmento 1

A figura 5 mostra como a cena de atenção se estabelece. A seta 1 representa o momento em que a mãe olha para criança, momento este que é acompanhado do enunciado do turno 2. Ao mesmo tempo, a mãe aponta para o objeto foco da atenção conjunta, o que é representado pela seta 1'. A criança, como mostra a seta 2, olha para o objeto destacado pela mãe e, em seguida, na seta 3, volta o olhar para o seu interlocutor, a mãe.

### 3.2 Diádico real – virtual

Diferentemente do formato apresentado anteriormente, no formato diádico real-virtual, a mãe não interage com a criança na atenção conjunta, que se desenrola entre criança e animação, tendo como objeto foco a cena que se passa dentro do desenho animado.

## Fragmento 2

*Diáde B – Sessão 1 – Idade da criança: 3;9;18*

*Dentro do desenho (2 minutos e 16 segundos) o narrador pergunta se alguém pode ajudar o Pocoyo a descobrir de quem são as pegadas misteriosas (que neste momento pertencem à Loula). A criança está de pé, em frente à televisão e a mãe está sentada na cama.*

- 1 Narrador: Será que alguém pode ajudar o Pocoyo a descobrir de quem são essas pegadas?
- 2 Criança: Foi Loula, Seu Zé! (olha e aponta para Loula, tocando a tela com o dedo indicador e olha para a mãe)
- 3 Mãe: Cutuque a televisão não. (olha para a criança)

Neste fragmento, percebemos que a criança interage com o narrador, a quem chama de “*Seu Zé*”, tomando-o como seu interlocutor. O estabelecimento da interação entre a criança e o narrador provavelmente acontece devido ao “convite” que o narrador faz verbalmente ao perguntar: “*Será que alguém pode ajudar o Pocoyo a descobrir de quem são essas pegadas?*”, no turno 1. Dessa forma, no turno 2, a criança responde ao narrador tanto através de uma produção verbal: “*Foi Loula, Seu Zé!*”, quanto através de uma produção gestual caracterizada pelo apontar com toque e pelo olhar dirigido para o objeto sobre o qual ela, a criança, e o narrador estão discutindo, ou seja, a cadela Loula.

Considerando os turnos 1 e 2, é interessante notar que a produção verbal do narrador poderia fazer com que a criança tomasse o Pocoyo como seu interlocutor, visto que é a ele que o narrador pede que a criança ajude a descobrir de quem são as pegadas misteriosas. Porém, percebemos através do uso do vocativo “*Seu Zé*”, que a criança toma o narrador como interlocutor, o que pode estar associado ao fato de que o narrador é o único no desenho animado que interage verbalmente com o telespectador, já que os demais personagens estabelecem a interação com os telespectadores apenas através de gesto e olhar.

Notamos que nos turnos 1 e 2 se estabelece um formato de atenção conjunta de maneira diádica envolvendo um interlocutor real (a criança) e um virtual (o narrador). Muito embora a criança busque a mãe através do olhar dirigido ao final do turno 2, a mãe não entra em atenção conjunta com a criança acerca do objeto foco do olhar infantil. Ao contrário, a mãe assume o lugar de interlocutor da criança, no turno 3, mas com o enunciado: “*Cutuque a televisão não*”, alertando a criança para que esta não toque a televisão com o dedo (o que a criança fez ao produzir o apontar com toque).

Devido à configuração da cena de atenção conjunta, percebemos que a estrutura sob a qual este desenho animado se configura, colocando o narrador na posição de interlocutor para



os telespectadores, permitiu que, mesmo entre interlocutores situados em lugares diferentes (real e virtual), houvesse o estabelecimento de uma cena de atenção conjunta. É necessário, todavia, apontar que não é possível precisar o direcionamento do olhar do narrador, uma vez que não se pode vê-lo dentro do cenário da animação, porém, inferimos, através da produção verbal e da concepção deste como um narrador que constantemente observa o desenrolar do episódio do desenho animado, que ele compartilha com a criança do mesmo foco do olhar.

Havendo, portanto, dois elementos que diferenciam a estrutura da cena descrita neste fragmento da estrutura clássica da atenção conjunta, percebemos que o formato de atenção conjunta que se estabelece entre interlocutores situados em instâncias diferentes (real e virtual) parece seguir dois princípios: i) apenas por uma inferência guiada pela produção verbal do narrador é que podemos considerar que este está prestando atenção ao objeto que se torna foco da atenção conjunta; e ii) por estar na instância virtual do desenho animado, isto é, em um lugar do qual não se pode ter conceitos realmente firmados sobre os interlocutores da instância real, o narrador, ainda que se torne um interlocutor da criança, só cumpre a noção de mútuo engajamento da atenção conjunta de uma forma suposta através da produção verbal, dentro de uma estrutura própria do desenho animado.

Seguindo a classificação apresentada por Tomasello (2003) para os tipos de atenção conjunta, percebemos que esta cena exemplifica uma atenção direta, isto é, a criança, ao estabelecer a atenção conjunta, utiliza-se de uma linguagem referencial “*Foi Loula, Seu Zé!*” (turno 2), em que o termo “*Loula*” é um referente, e, em associação, faz uso de um gesto declarativo de apontar.

O esquema a seguir ilustra o processo de construção da cena de atenção conjunta analisada no fragmento 2.

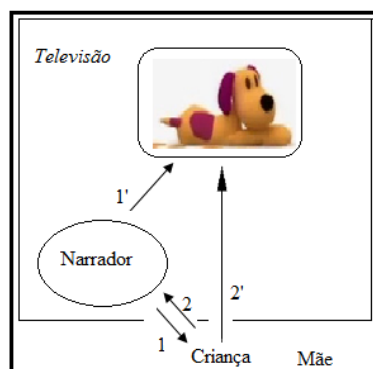


Figura 6: Atenção conjunta fragmento 2

Vemos que a seta 1 corresponde ao momento em que o narrador dirige seu turno aos telespectadores, e a seta 1', ao instante em que, através da produção verbal, o narrador dirige

o olhar para o objeto foco da atenção conjunta. Já as ações indicadas por 2 e 2' ocorrem simultaneamente. A seta 2 representa a interação entre a criança e o narrador, já a seta 2' marca o direcionamento do olhar infantil para o foco da atenção conjunta.

### 3.3 Triádico real – real – virtual

No formato triádico, mãe e criança interagem com o desenho animado, ficando, porém, a participação da mãe restrita aos comentários, ou seja, esta não se dirige diretamente ao narrador, ação desenvolvida apenas pela criança. O objeto foco é, mais uma vez, a cena que se passa dentro da animação.

#### Fragmento 3

*Díade B – Sessão 1 – Idade da criança: 3;9;18*

*Enquanto no desenho animado (6 minutos e 2 segundos), o Pocoyo está ocupado em descobrir de quem são as pegadas misteriosas que estão apavorando os personagens, em especial o Pato, verdadeiro dono de tais pegadas, mãe e criança estão sentadas na cama, prestando atenção ao desenho.*

- 1 Mãe: Ó, o Pocoyo descobriu. (olha para a televisão)
- 2 Narrador: Veja, Pato, isso é esquisito, não é? As pegadas estão logo atrás de você!
- 3 Mãe: Vem, Iguinho, vê! (olha para a criança e bate com a palma da mão na cama, depois volta a olhar para a televisão)
- 4 Criança: (ofegante) Eu vou! É o monstro! (corre para o colo da mãe e se encolhe. Depois bate o queixo no braço da mãe)
- 5 Mãe: Ei:ta! Doeu? (levanta a criança e a põe sentada, olhando para ela.)
- 6 Criança: Não. (olha para a televisão)
- 7 Mãe: Estralou no meu braço. (olha para a televisão)
- 8 Narrador: Pocoyo, você conseguiu ver quem deixou essas pegadas misteriosas?
- 9 Mãe: E o Pato correu. (olha para a televisão)
- 10 Narrador: Será que algum de vocês pode dizer ao Pocoyo quem deve estar deixando essas pagadas?
- 11 Criança: (*grita*) É Patô:!! (olha para televisão)

O fragmento 3 corresponde a um momento em que duas cenas de atenção conjunta com formatos distintos são constituídas.

A primeira cena de atenção conjunta é motivada pela mãe, que já engajada com o desenho animado, tenta atrair a atenção da criança para o mesmo foco: “Ó, o Pocoyo descobriu” (turno 1). Através de seu comentário, a mãe destaca para a criança um fato que está se passando dentro da narrativa e, para tanto, utiliza-se da forma verbal “Ó” cuja estrutura pode ser relacionada ao imperativo do verbo olhar: “*Olha*”. Ao lado da produção verbal, a mãe utiliza-se do olhar como estratégia não verbal para direcionar a atenção da criança para a televisão. Esse contexto é o mesmo quando observamos o turno 3, novamente da mãe, pois, embora o turno 2 pertença ao narrador, a mãe retoma seu turno e continua a buscar a atenção

da criança para o desenho animado: “*Vem, Iguinho, vê!*”. Mais uma vez a mãe utiliza uma forma verbal do imperativo “*Vem*” e o olhar dirigido ao parceiro e depois ao objeto como estratégia não verbal para o estabelecimento da atenção conjunta, fato este que ocorre no turno 4, com a entrada da criança na interação junto à mãe.

Considerando a utilização pela mãe, propulsora da cena de atenção conjunta, de formas verbais do imperativo em associação ao olhar como estratégia de direcionamento, percebemos que a cena construída é um exemplo de atenção direta. Sobre o estabelecimento da atenção direta, Tomasello (2003) destaca que uma das formas pelas quais esse tipo de atenção se constrói é pela utilização de gesto imperativo de apontar. No entanto, na cena descrita o apontar parece ser substituído pelo olhar, que por estar acompanhado de uma produção verbal referencial de forma imperativa, apresenta-se de forma semelhante ao gesto de apontar como estratégia materna para direcionar a atenção infantil.

No que diz respeito à entrada da criança na interação com a mãe, turno 4, percebemos que também o desenrolar da narrativa propicia o engajamento do telespectador infantil na cena de atenção conjunta, já que a criança entra em atenção conjunta com mãe comentando sobre a existência de um possível monstro na narrativa “*Eu vou! É o monstro!*”.

O recorte do desenho animado sobre qual o segundo formato de atenção conjunta é desenvolvido tem ainda em sua estrutura o apontar do Pocoyo. Esse gesto pode ser determinante para a construção da atenção conjunta (TOMASELLO, 2003) e, situado dentro do desenho durante uma cena de atenção conjunta que envolve mãe, criança e narrador, o apontar pode ser compreendido como um elemento não verbal da narrativa que auxilia no direcionamento do olhar e no estabelecimento da referência espacial construída através da atenção conjunta diádica, entre mãe e criança.

Com a cena de atenção conjunta estabelecida, percebemos que a criança, ao se encolher no colo da mãe, parece reproduzir o gesto realizado pelos personagens do desenho, ou seja, um gesto pantomímico que simula o medo que os personagens sentem do possível monstro. O recorte que a criança faz do gesto dos personagens reforça a inserção da criança na interação que se estabeleceu entre ela e a mãe frente à televisão, objeto foco da primeira cena de atenção conjunta.

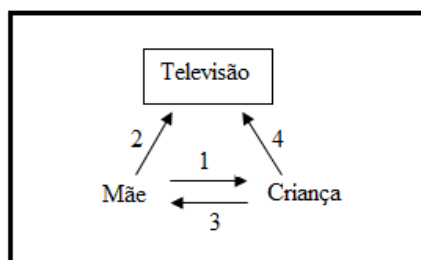
Porém, como percebemos no turno 5, quando a criança bate o queixo no braço da mãe, a atenção conjunta se desconstrói, já que a atenção materna é desviada. A criança, entretanto, continua prestando atenção ao desenho animado, e, no turno 9, a mãe volta a interagir com a criança, comentando sobre a ação do Pato: “*E o Pato correu*”. A mãe, desse modo, volta a

estabelecer a atenção conjunta com a criança, que, por sua vez, estabelece também a atenção conjunta com o narrador ao responder a pergunta deste no turno 11: “É Patô:!”.

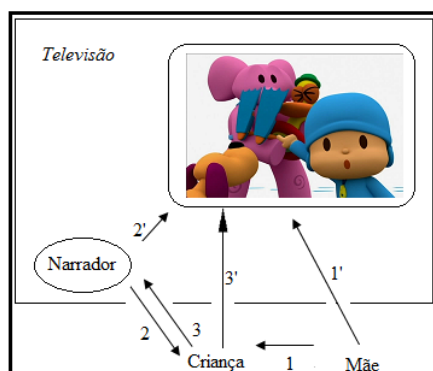
A cena de atenção conjunta, portanto, muda de formato e se constitui triadicamente entre mãe, criança e narrador. A criança, que já estava em atenção conjunta com a mãe, entra em atenção conjunta também com o narrador, o que a torna mediadora da atenção triádica. A mãe, por outro lado, só entra na atenção triadicamente estabelecida porque já estava inserida na atenção conjunta com a criança.

Com relação à classificação da segunda cena de atenção conjunta, temos novamente um exemplo de atenção direta, em que o narrador, no turno 10: “Será que algum de vocês pode dizer ao Pocoyo quem deve estar deixando essas pagadas?”, através da linguagem verbal, direciona o olhar da criança ao objeto foco da atenção conjunta.

Desse modo, o esquema abaixo ilustra ambos os formatos de atenção conjunta descritos no fragmento 3, indicando a passagem da atenção diádica para a atenção triádica.



**Figura 7:** Atenção conjunta fragmento 3: Mãe e criança



**Figura 8:** Atenção conjunta fragmento 3: Criança, mãe e narrador

Na figura 7, a seta 1 indica o momento em que a mãe dirige o olhar à criança, buscando-a para a atenção conjunta. Já na seta 2, a mãe dirige o olhar para o foco da atenção conjunta a ser estabelecida no trecho retratado. A seta 3, por sua vez, representa a resposta da criança ao chamado materno e, na seta 4, a criança dirige a atenção ao mesmo foco do olhar da mãe.

Na figura 8, a segunda cena de atenção conjunta estabelecida no fragmento 3, a seta 1 representa a volta da mãe para a interação com a criança, enquanto a seta 1' demonstra o direcionamento do olhar materno para o foco da atenção conjunta. A seta 2 representa o turno que o narrador direciona para o telespectador, ao mesmo tempo em que a seta 2' indica a produção verbal do narrador como elemento que prova o engajamento deste sujeito virtual acerca do foco da cena de atenção conjunta. As setas 3 e 3', respectivamente, representam o momento em que a criança interage com o narrador e o instante em que ela, a criança, volta o olhar para o foco compartilhado entre ela, a mãe e o narrador.

### **Considerações finais**

Com base nas discussões apresentadas no presente trabalho, consideramos que o desenho animado estudado pode fornecer, de fato, pistas que contribuem para o estabelecimento da atenção conjunta.

A estrutura narrativa do *Pocoyo* parece ser estrategicamente elaborada para favorecer a interação entre o telespectador e o desenho animado, como se, através do lugar que a animação guarda para o telespectador, este entrasse no contexto televisivo.

No que diz respeito à atenção conjunta, o primeiro ponto que destacamos é a possibilidade que o desenho animado fornece ao estabelecimento de cenas de atenção conjunta sob diferentes configurações:

- 1) diádica real: quando mãe e criança encontram-se engajados acerca do desenho animado;
- 2) diádica real-virtual: quando a criança engaja-se com o narrador, como se estivesse dentro da animação, tomando este como seu interlocutor;
- 3) triádica: quando, em uma configuração essencialmente real-virtual, criança, mãe e narrador engajam-se sobre um elemento inserido no contexto do desenho animado que se torna o objeto foco da atenção conjunta.

As configurações 2 e 3, em especial, parecem demonstrar uma possibilidade ainda não vislumbrada em outros trabalhos e que aponta para um comportamento interativo inovador, alcançado através de novas técnicas na construção de desenhos animados na contemporaneidade.

**REFERÊNCIAS**

BRUNER, J. *Childs Talk: Learning to use language*. New York: Norton, 1983.

\_\_\_\_\_. From communication to language: a psychological perspective. *Cognition*, 3 v., n. 3, p. 255-287, 1975.

CANTOLLA, D.; GARCIA, G. e GALLEGGO, L. *Pocoyo: Conhecendo o mundo*. [Filme-vídeo-3D]. Espanha: Zinkia Entertainment, 2008. DVD, son., color. Dublado, Port., 77 min.

\_\_\_\_\_. *Pocoyo: Hora de brincar*. [Filme-vídeo-3D]. Espanha: Zinkia Entertainment, 2008. DVD, son., color. Dublado, Port., 77 min.

CARPENTER, M.; NAGELL, K.; TOMASELLO, M. Social cognition, joint attention and communicative competence from 9 to 15 months of age. In: *Monographs of the society for research in child development*. 1998.

GUNTER, B.; MCALEER, J. *Children and television*. 2 ed. London: Routledge, 1997.

MIGUENS, S. Conceito de crença, triangulações e atenção conjunta. In: MIGUENS, S.; MAURO, C.E.E. (Eds.). *Perspectives on Rationality*. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Letras, 2006. p. 99-117.

TOMASELLO, M. Human culture in evolutionary perspective. In: GELFAND, M. (Ed.) *Advances in Culture and Psychology*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

\_\_\_\_\_. *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*. Tradução de Cláudia Berliner. Martins Fontes: São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_. Joint attention as social cognition. In: MOORE, C.; DUNHAM, P. J. (Eds.). *Joint attention: Its origin and role in development*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.